

Para além das palavras: fotografar e desenhar como possibilidade para o fazer antropológico¹

Ramon da Silva Teixeira

Palavras-chave: Antropologia e desenho; imagem-texto; escritas etnográficas.

Para início de conversa...

Entre outros fatores, historicamente a antropologia como disciplina se alicerçou, por diversas razões – muitas delas, ligadas a interesses colonialistas e expansionistas –, na observação, descrição e interpretação de “outros” mundos, “outras” culturas, “outros” modos de ser, crer, organizar-se política, econômica e socialmente. De outro modo, nasceu como o estudo das sociedades ditas “primitivas” em comparação às sociedades “civilizadas”. Em geral, partiu do objetivo de compreender/explicar o que era/é classificado como estranho e exótico (“eles”) à cultura dos/as antropólogos/as (“nós”) para que se estabelecesse um conhecimento sobre a outridade. E, conseqüentemente, assentando-se (como toda ciência) sobre uma pretensão de verdade² e em bases comparativas que são próprias de sua operação, os/as pesquisadores/as pudessem entender melhor “sobre nós”, sobre a dinâmica social e os universais humanos.

Ao longo do tempo, o fazer antropológico se transmutou. Mas, independentemente das diversas mudanças, do surgimento e desenvolvimento de diversas “escolas” antropológicas, das certezas, das dúvidas e dos intermináveis debates, uma coisa permanece a mesma: a antropologia como produção textual se funda em narrativas sobre o/a “Outro/a”³, mesmo que esta outridade seja o familiar, o que está perto ou “de dentro”; porém, observado, descrito e analisado por novas perspectivas⁴.

Seja nos moldes clássicos, focado conscientemente na investigação da organização social, do comportamento padronizado e do *corpus scriptum*, ou de maneira mais contemporânea, afetando-se, para captar essas narrativas em campo, antes de tudo, o/a antropólogo/a se vale do processo de observar e descrever. Didaticamente, “lá” nós

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Cf. Bourdieu (2008), Trouillot (2016).

³ Isto é, narrativa tanto como os fatos como se ouviu e observou, quanto a estória sobre esses fatos, ou seja, a produção da antropologia como texto *em si*. Para uma reflexão produtiva a respeito, cf. Trouillot (2016).

⁴ Cf. Da Matta (1978); Velho (1978); Geertz (2014) e Magnani (1996, p.2-3).

“olhamos” e “ouvimos”. “Cá”, no “gabinete”, reviramos os arquivos – áudios, vídeos, transcrições, documentos, fotografias, *sketches*, notas e diários de campo, etc. – e (re) “escrevemos”⁵. Isto é, narramos novamente o que se observou, tematizado as memórias e os “dados” através da reflexão epistemológica delimitando a vida que vaza em “objeto”⁶.

Todo esse processo, do campo à escrita do texto em si, é transpassado pelo uso de diversas tecnologias de registro: a memória, o gravador, a câmera fotográfica e/ou a filmadora, o caderno ou bloco de notas, o diário de campo, canetas, lápis, etc. É por meio dessas tecnologias e habilidades – como, escrever, desenhar, fotografar, entrevistar, revirar arquivos, viver! – “postas em uso”⁷ que nós produzimos um *corpus* de narrativas, ou, como diria Trouillot (2016), criamos fontes e compomos os fatos, que servirão para a entextualização (BAUMAN; BRIGGS, 2006, p.206). Em última instância, “lá” e “cá”, criativamente, a partir de nossas energias mentais, “criamos/inventamos” a cultura (TAUSSIG, 2010; WAGNER, 2010).

Dito isso, neste trabalho objetivo falar detidamente do ato de desenhar e de fotografar. Duas operações de registro e descrição baseadas no imagético, ou melhor, na “cultura visual”, que muito tem a contribuir “criativamente” com a escrita etnográfica e o fazer antropológico. Desta maneira, apresentarei uma reflexão sobre meu processo de escrita etnográfica – no campo e no “gabinete” – em que me vali, sem abandonar a escrita com palavras, de outros modos de investigar, registrar e descrever. Isto é, de forma breve descreverei como foi utilizar do registro fotográfico e dos desenhos em suas diversas variantes nos distintos momentos da pesquisa.

Para delimitar, e não gerar expectativas outras, não é minha meta aqui fazer uma discussão sobre as diferenças entre uma habilidade/técnica e outra, ou seja, entre o

⁵ Como refletirei mais adiante, a partir do que fiz em minha pesquisa, mas é válido para a pesquisa antropológica de modo geral, creio, junto com Roberto Cardoso de Oliveira (1996), que em campo a primazia esteja no “olhar” e no “ouvir”, mas, não quero com isso, engessar. Em campo estamos vivendo e registrando, o que também pressupõe escrever e desenhar nos diários de campo para registrar o que ouvimos e vemos, se movimentar, sentir cheiros e sabores, fotografar, etc.

⁶ Quero dizer, “um ente que vive na ciência” que “não está *no mundo* (...) [que] se situa nesse limite entre o mundo das descrições já feitas por outros cientistas e as possibilidades de altera-las”. Enfim, o vivido ou a produção linguística captada em interação, transformada em uma questão científica que “pretendemos alterar com a ajuda da nossa experiência e nossa agudeza” (CALAVIA SÁEZ, 2013, p.117-118) e apresentar a determinados públicos por meio de palavras e imagens; e não uma pessoa, um grupo, um movimento social, etc.

⁷ Sobre o ato de “por em uso” e a relação com a mão como um compêndio de habilidades, cf. Ingold (2015, p.104; p.272-273).

desenhar e o fotografar⁸. Deste modo, abordo tanto a fotografia quanto o desenho como “*modos de ver e também modos de conhecer o mundo*” (KUSCHNIR, 2014, p.28). Falarei mais do modo como essas “ferramentas” foram uteis para eu me movimentar, “acessar espaços novos e mais amplos: espaços que podem ser externos como internos” (SCHEINBERGER, 2017, p.17), enfim, me situar e interagir no mundo em que propus conhecer e como as utilizei no processo de pensar e compor a escrita etnográfica, e na tentativa de comunicar de *outro modo* os resultados da pesquisa.

Por fim, procederei por uma exposição de alguns momentos em que utilizei do desenho e da fotografia durante minha pesquisa de mestrado. Dessa forma, esse texto possui cinco partes, em que de modo breve e de maneira livre, sendo que na última parte, teço algumas considerações finais. Perpassa todo o texto o anseio por responder, em certa medida, algumas questões, tais como: Como se deu esse processo? Como me preparei para a pesquisa de campo? O que levei e o que trouxe do campo? Quais foram as potencialidades e desafios dessa escolha? Quais os ganhos que o texto etnográfico (dissertação) teve com a inclusão dessas possibilidades imagéticas?

I.

O uso de desenhos e de fotografias na antropologia é uma “novidade velha”. Não é de hoje que antropólogos/as se utilizam da linguagem visual para pesquisarem e mostrarem os resultados de suas pesquisas. Desde os clássicos que os/as antropólogos/as se valem da linguagem visual seja como recurso técnico, seja como estratégia narrativa, ou ainda como dado a ser analisado. Em ordem cronológica de desenvolvimento tecnológico, o uso do desenho “técnico” e “objetivo” foi sendo substituído pela câmera; mas, um não chegou a suprimir o outro.

No que se refere ao uso do desenho na pesquisa antropológica:

(...) é importante lembrar que é o desenho foi uma importante ferramenta de registro na antropologia desde a sua origem. Bronislaw Malinowski produziu uma série de desenhos registrando objetos rituais e do cotidiano dos nativos das ilhas Trobriand; o antropólogo português Jorge Dias teve grande parte de seus estudos complementados por desenhos de Fernando Galhano (1985); Claude Lévi-Strauss produziu também uma série de desenhos em suas pesquisas no Brasil, como os presentes em *Tristes Trópicos*, além de outros só recentemente divulgados pela Biblioteca Nacional da França; apenas para citar alguns exemplos. Esse estilo de desenho, realizado mais como um registro “técnico” daquilo que era visto em campo (objetos, modos de utilizá-los,

⁸ Ingold (2015, p.321-323) já tratou muito bem esse debate. Sem contar que reflexões sobre o que pode a imagem fotográfica e/ou filmica também já foram escritas (cf. ROCHA, 1995; SAMAIN, 1998; OLIVEIRA, 2017).

grafismos, como tatuagens e outras produções consideradas “artísticas”), foi sendo substituído a partir do surgimento e da popularização de novas tecnologias de captação da imagem, como a fotografia e o vídeo (AFONSO, 2004) (GAMA; KUSCHNIR, 2014, p.2).

Com o advento da câmara escura, o que se viu crescer e se consolidar, portanto, foi o uso do conjunto escrita e imagem fotográfica, e o desenho ser relegado a “poucas disciplinas especializadas, dentre as quais a arte, a arquitetura e a arqueologia” (INGOLD, 2015, p.259). Para mencionar alguns exemplos, podemos citar os trabalhos desenvolvidos por Malinowski (1984), Bateson e Mead (1942), procurando interpretar a cultura balinesa pelo seu padrão gestual; Piette (1992; 1996), etc.

Todavia, essa realidade vem mudando. Na era da cibercultura, em um contexto em que as pessoas, em sua maioria com um celular na mão, não param de fotografar tudo aquilo que veem pelo caminho (SCHEINBERGER, 2017), na antropologia vemos acontecer “A redescoberta da prática de desenho etnográfico – agora como parte de um projeto subjetivo do investigador, uma das chaves do momento atual” (KUSCHNIR, 2016, p.7-8). Assim, o uso do desenho vem ressurgindo com outros usos e significados dentro da antropologia. E seu diálogo com a antropologia, tem feito parte de um movimento que busca “revigorar” o fazer antropológico no horizonte pós-moderno, conferindo à escrita etnográfica mais uma camada de autenticidade, autoria e “vida” (*idem*)⁹.

Em minha pesquisa de campo, como demonstrei abaixo, em meio a outras estratégias de interação, como ser relator, fazer parte da “equipe de frente” de reuniões, “tocar triângulo”, contribuir na organização e/ou participar de mobilizações, cursos e reuniões, utilizei as duas maneiras de olhar – com a câmera e ou desenhando linhas – para estabelecer o encontro etnográfico, registrar e escrever. Abaixo, conto um pouco construí esse processo, como iniciei a pesquisa de campo, e em certa medida o que levei para o campo.

II.

(...). Foi por gostar de desenhos e da experiência de desenhar que antropólogos e antropólogas trouxeram essa prática para dentro de suas reflexões profissionais, e não o contrário.

⁹ Para um apanhado bibliografia extensiva sobre o diálogo entre antropologia e desenho cf. Kuschmir (2016, p.6-7).

O uso da fotografia como estratégia de pesquisa aprendi na graduação em Ciências Sociais, durante as lições e práticas da disciplina de antropologia visual¹⁰; mas, o uso do desenho é uma história antiga. Como dizem, desenhar para mim “vêm de berço”. Desde muito novo sempre fui incentivado – em casa e na escola – a desenhar. Mas, estaria mentindo se dissesse que a minha primeira inserção de campo se deu por meio do uso do desenho, e muito menos, pelo uso da fotografia.

Quando comecei o trabalho de campo? O que levei para ele? Questões complexas, mas que a meu ver possui um lastro longo. Mantenho uma relação com meus interlocutores e suas vidas e lutas desde 2009¹¹. Assim, apesar de desenhar desde a infância, em contato voluntário com os movimentos sociais da Zona da Mata, antes de tudo, dei aulas e, posteriormente, adentrando mais, aprendi pouco a pouco a registrar por escrito. Tornei-me um *relator* atuando ora como “membro da *coordenação*” responsável por elaborar documentos escritos (relatórios, atas), ora como integrante da “equipe de frente”, sendo convidado a mediar cursos de relatoria descritiva na universidade, e fora dela, para estudantes e lideranças de movimentos sociais¹².

E foi por saber escrever, no sentido de escrever manualmente rápido e captando o que era “necessário” lembrar, é que, em 2014, reclassificaram-me como “artista”, “facilitador gráfico”, “ilustrador” ou “repentista do desenho”¹³. Explico. Indo para um evento nacional do movimento agroecológico para fazer o registro escrito dos Grupos de Trabalho¹⁴, na ausência de alguns facilitadores gráficos, sabendo que “também gostava

¹⁰ Agradeço aqui ao professor Marcelo J. Oliveira pelas inspiradas discussões teóricas e pela iniciativa de unir teoria e prática, em exercícios de atenção, registro fotográfico e fílmico, análise, edição de documentários etnográficos e montagem de exposição fotográfica.

¹¹ Isto através de minha participação como educador voluntário de literatura, redação e português no curso pré-vestibular de educação Popular Tecendo Sonhos, o “cursinho popular Tecendo Sonhos”, projeto desenvolvido pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais na Agricultura Familiar (Sintraf) de Espera Feliz em parceria com os Sintrafs de Caiana e Caparaó e a Universidade Federal de Viçosa. Para mais sobre, cf. Teixeira e Lopes (2013) e Teixeira *et al.* (2016). Essa experiência foi o “divisor de águas” e me conectou à uma extensa rede, a qual me encontro ligado até hoje.

¹² Utilizo-me das classificações de Comerford (1999).

¹³ Referente à minha ligação com o Coletivo Repentistas do Desenho. Um coletivo de estudantes-artistas surgido em 2015, após o “Seminário Sudeste – Por um Brasil Agroecológico” realizado pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) na UFV. O objetivo do grupo é atuar e apoiar os movimentos sociais populares e coletivos estudantis ligados à Agroecologia, à Permacultura, à Economia Popular Solidária, à Educação do Campo, à Educação Popular, à(s) Cultura(s) Popular(es), às pedagogias alternativas e participativas, etc. O coletivo se dedica a trabalhos de desenho, ilustração, realização de oficinas de formação em desenho e, sobretudo, na realização de facilitação gráfica em eventos internos e externos à universidade ligados aos movimentos sociais populares.

¹⁴ O III Encontro Nacional de Agroecologia (III ENA).

de desenhar”, me escalaram para fazer os painéis de facilitação gráfica¹⁵. Meu gosto pelo desenho e meu “dever” de relatar então se encontraram... Desde então, além de relator, passei a circular em vários eventos dos movimentos sociais e religioso da Zona da Mata mineira (e além) também desenhando e tirando fotos. Assim, estou construindo minha trajetória na escrita acadêmica em ciências sociais fazendo uso, entre outras “ferramentas”, da escrita, do desenho e da fotografia¹⁶.

Mais recentemente, estive em um empreendimento de três anos (2017-2020) de pesquisa de mestrado que culminou na escrita de uma dissertação sobre CEBs, trabalho de base e reinvenções de saberes fazeres na Zona da Mata mineira (TEIXEIRA, 2020). Mais especificamente, investiguei as transformações de pautas e práticas nos movimentos sociais de base católica na Zona da Mata mineira que possuem vínculo histórico, direto ou indireto, com o Movimento da Boa Nova (Mobon), um movimento católico de evangelização originário da Diocese de Caratinga. Durante esse período, essa maneira de proceder pela “cultura visual” se intensificou. Sinto que “me libertei” da escrita apenas com palavras. Durante o mestrado em Antropologia Social, fiz a escolha de me apostar mais nas outras linguagens para registrar e narrar. Nesse período, reuni e utilizei alguns aprendizados e técnicas gráficas e artísticas que aprendi em minha trajetória de estudante/pesquisador para potencializar minha capacidade de registro durante o trabalho de campo e de sistematização, análise dos dados de campo e escrita do texto etnográfico.

Durante a pesquisa de campo, participei mais que observei. Desenhei croquis, desenhos de observação, painéis de facilitação gráfica a pedido de movimentos sociais e religiosos; reproduzi e colecionei desenhos e fotografias dos meus interlocutores; fotografei as mais diversas paisagens, cenas, interações, objetos, plantas e insetos.

III.

¹⁵ Facilitador gráfico é aquele que faz facilitação gráfica. A saber, em síntese, facilitação gráfica “(...) consiste em participar como ouvinte em um grupo que esteja construindo ou debatendo algo (reunião, debate, encontro, treinamento, palestra), registrar ao vivo o que o grupo produz de conteúdo, ou a que conclusões chegam, sempre focando no essencial do que foi dito, de modo a, no fim do dia, se ter um resumo do que foi falado e as deliberações registradas em palavras, frases, expressões e, sempre que possível, desenhos, ilustrações e metáforas visuais. (...) [trata-se de] um processo composto por partes iguais de ouvir, pensar e desenhar. O ouvir é o input, o pensar é o processo e o desenhar é o output. As três qualidades andam juntas e de forma igual (MEO, 2014, p.16-17).

¹⁶ Cf. Teixeira (2017), Teixeira e Rabelo (2018, 2019), Teixeira (2020).

Desenhar e escrever, assim como o desenho e o fazer antropológico possuem uma relação intrínseca¹⁷, deste modo, os desenhos junto com as observações escritas compuseram as narrativas do diário de campo e os blocos de anotações¹⁸. Destarte, fiz croquis para observar/pensar a espacialidade¹⁹; fiz desenhos de observação para alongar meu tempo em campo ou, no escritório, para melhor investigar a materialidade de alguns artefatos simbólicos ou objetos rituais utilizados por lideranças em reuniões, celebrações, místicas etc., e, conseqüentemente, refletir sobre a identidade militante católica de alguns grupos de agentes de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) com que se estabeleci relações de interação²⁰ ou ainda, para pensar sobre a sociabilidade característica da casa de curso do Mobon, em dias de curso²¹.

Mais ainda, sozinho ou junto à parceiros/as “Repentistas do Desenho”, registrei as conversas de diversos eventos em painéis de facilitação gráfica, e durante sua feitura e/ou posteriormente, os utilizei como estratégia para:

(...) identificar alguns aspectos ou dimensões da própria vida social que são postos em relevo e reapresentados pelos e para os próprios atores, abrindo janelas, por assim dizer, que [permitiram] visualizar valores e representações socialmente construídos como importantes no universo social em questão, cujo conjunto pode ser analisado como uma “cosmologia” (COMERFORD, 1999, p.15).

Os painéis serviram também como “disparador de conversas” em campo (GAMA, KUSCHNIR, 2014; KUSCHNIR, 2014), uma vez, que era começar a colocar no painel as conversas em formas de desenhos, caricaturas, símbolos e frases marcantes, que todos se entusiasmavam a “falar mais” para verem se suas falas registradas, além, é claro, de virem conversar, pedir para desenhar, corrigir uma fala ou apagar algum registro, tirar fotos com o painel e comigo e meus/minhas parceiros/as repentistas. Além dos painéis reproduzi os desenhos feitos um dos fundadores do Mobon no quadro negro durante o curso da Campanha da Fraternidade, atrelando a comentários sobre o que entendi dos desenhos e sobre o que se conversou sobre eles²². Colecionei desenhos “nativos” que me

¹⁷ Para uma relação entre escrita caligráfica e desenho, cf. Ingold (2015, p. 271-273) e Scheinberger (2017, p.17).

¹⁸ Como escreve Scheinberger (2017), “(...) as observações escritas presentes em um sketchbook são capazes de aumentar a força narrativa de seus desenhos. Os comentários dão origem a mais um nível de informação. (...). Isso serve para registrar a hora e o local em que o desenho foi executado e também para colocá-lo sob uma luz totalmente diferentes há uma diferença entre uma mulher sentada na rua à noite simplesmente porque quer ou porque ela é pobre e precisa vender lenços de papel para sobreviver” (p.17).

¹⁹ Nem todos, mostrado na dissertação. Para um exemplo, cf. Teixeira (2020, figura 11, p.125).

²⁰ Cf. Teixeira e Rabelo (2018, p.625-627).

²¹ Cf. Teixeira e Rabelo (2019); Teixeira (2020, p.113-126, sobretudo, figura 12).

²² Cf. Teixeira (2020, p.136-138, figuras 16 e 17).

mostraram que os/as interlocutores/as desenham também, e mesmo q tenha explorado pouco essas linhas, foi possível contemplar as paisagens internas dos/as sujeitos²³. Desenhei estandartes, máscaras, cartazes, etc.

Enfim, no campo me utilizei dos desenhos em sua ampla variedade. Tal como ocorreu com os alunos de Kuschnir (2014), o ato de desenhar fez com que eu ficasse “(...) por mais tempo e com mais calma e paciência no campo” (p.42). O diário de campo, os painéis, e os materiais foram, “objetos de apoio” que me deixaram menos solitário e desconfortável:

(...) naquelas situações tão frequentes na pesquisa etnográfica – situações em que aparentemente “não há nada para fazer” (Taussig 2009); ou, dito de outra forma, o próprio ato de desenhar tornou-se “algo [a mais a] fazer”: um modo de observar e registrar dados, a partir do qual informações não apenas visuais, mas de todas as ordens, se tornam mais acessíveis (*idem*).

No “gabinete”, desenhar e observar os desenhos que fiz (ou feito por outros) me possibilitou como um “catalisador de memórias” (KUSCHNIR, 2014, p.42) rememorar os “dados” e vê-los por outros ângulos, compará-los. Possibilitou sintetizar ideias e criar esquemas. Cheguei a aventurar-me na escrita de uma história em quadrinho para relatar a circulação de práticas e discursos²⁴.

Em todos os momentos da pesquisa, o desenho foi útil e serviu como (i) “disparador de conversas” em campo, (ii) aliado para o pesquisador permanecer mais tempo no campo; (iii) forma de treinar o olhar para ver coisas que antes estavam “invisíveis” no campo, e; (iv) como dado construído em campo (GAMA, KUSCHNIR; 2014, p.3-4).

Deste modo, com essa exposição sobre o que levei e o que trouxe do campo em forma de desenhos, o mais importante, não é saber se “desenhei bem”. Como debatido por muitos – considerando que desenhar é traçar linhas, delinear e improvisar – todos sabem desenhar (ROAM, 2012, p.18-31; SIBBET, 2013; INGOLD; 2015) e podem se tornar pesquisadores-que-desenham (KUSCHNIR, 2014).

Para finalizar essa parte, quero enfatizar, portanto dois aspectos. Primeiro, desenhar é agir de outro modo, que em campo e durante a escrita, podem levar a outros caminhos outros modos de conhecer. Segundo, vale mais o processo do que os resultados. Em outras palavras, “O que realmente importa não é a aparência que surge dos traçados,

²³ Estes desenhos abrem os capítulos de minha dissertação.

²⁴ Cf. Teixeira (2020, p.17).

mas os problemas e questões suscitados pelo processo dessa experiência visual e etnográfica (KUSCHNIR, 2016, p.10), portanto, o “ mais importante [é] *aprender uma nova forma de olhar o mundo* do que ‘desenhar bem’” (KUSCHNIR, 2014, p.28).

IV.

Pelo que já enunciei nas partes finais da introdução, fotografia e desenho se fundamentam em uma mesma lógica, a “visão” ou, melhor, em uma “outra maneira de olhar”. Tratam-se, repito, de “*modos de ver e também modos de conhecer o mundo*” (KUSCHNIR, 2014, p.28). Considero, portanto, que fotografar também pode ser concebido como um modo diferente de se situar em campo, e de se “reencontrar” com os “dados” no ato de compor o texto etnográfico. Por essa razão, não me alongarei em descrever as potencialidades de seu uso, que, *mutantibus mutandi*, podem ser as mesmas do uso do desenho enunciadas acima.

Deter-me-ei, por consequência, na descrição dos usos que fiz e dos ganhos práticos e heurísticos que tive ao incluí-las em meu fazer no campo e na escrita da dissertação. Antes, uma observação: não sou fotógrafo. Dito isso, as imagens que registrei – ora com uma câmera, ora com o celular – e as fotos feitas por meus interlocutores ou encontradas em arquivos ou livros sobre o Mobon, compuseram um rico acervo que, assim como os desenhos, me auxiliaram a “voltar no tempo” e “ao campo” sempre que quisesse.

Utilizei a fotografia como modo de navegar em campo, aproximar e afastar do cenário, das pessoas e dos objetos. Na escrita, utilizei-me de fotos “soltas” e “pranchas”²⁵ para como imagem-texto, contribuir com a descrição do episódio ou fenômeno que descrevi e analisei. Em outros termos, além de me ajudar a narrar e trazer à tona a “aura” dos momentos, do fenômeno narrado, no ato de analisar as imagens produzidas ou de arquivo, me fez ter vários *insights* sobre os saberes fazeres “do” Mobon, e sobretudo, sobre a identidade militante católica da lideranças vinculadas ao Mobon²⁶.

Foi observando as maneiras de registrar dos leigos e leigas, que pude apreender um pouco mais da totalidade que me propus a investigar, e percebi, que em campo, não era eu o único preocupado me registrar, meus interlocutores, seja nos cursos, reuniões, ou

²⁵ Isto é, um “agrupamento de fotos que dentro da explicação de um contexto, ajudam a fornecer a percepção do espaço, do tempo e do movimento, expandindo assim as potências narrativas do trabalho” (OLIVEIRA, 2017, p.17). Ao todo, apresentei 17 figuras “fotográficas, sendo que destas, 11 são “pranchas” ou composições de foto ou fotos e desenhos.

²⁶ Cf. Teixeira (2020, p.106-113).

mesmo em encontros nas casas de alguns para os grupos de reflexão, “sessão de cinema” ou para a cantoria, também registravam as falas e o momentos. Seus registros também eram diversificados, isto é, registros feitos em suas configurações fotográfica, escrita ou desenhada²⁷.

IV.

Falei das potencialidades, mas, todo esse processo foi marcado por desafios também. Desenhar em campo, mesmo para quem já desenha, as vezes é difícil. Primeiro, porque se tratam de maneiras diferentes de atuar e de ler os dados, o que pode gerar resistências de sua utilização pelo pesquisador, seja por pensar “saber desenhando”. A fotografia, mesmo que mais naturalizada, envolve também um mínimo aprendizado sobre enquadramento, perspectiva o que pode fazer “travar” na hora de fazer uma foto.

Além disso, fotografar e desenhando tem mais a ver com o olho que olha do que com o o objeto que é olhado. Assim, como qualquer processo de “criação”, que em antropologia se constitui como “tradução” do universo “nativo” em discurso científico, fotografar ou desenhando sempre envolve um risco. Afinal, enquadrar é sempre um ato do/a pesquisador/a, e não podemos esquecer que é nosso papel ter responsabilidade sobre aquilo que narramos. Assim, tanto para no ato de desenhando, fotografar ou escolher fotografias em um arquivo, sempre pressuporá escolhas e silenciamentos (TROUILLOT, 2016).

Tanto para o desenho, quanto para a fotografia, é:

(..) crucial tratar a dimensão imagética de uma pesquisa *não* como “documento da ‘realidade objetiva’ ou como mera ilustração de textos verbais”, e sim como um material pleno de significados culturais produzidos a partir das interações entre ‘pesquisadores, pesquisados, produtos e contextos históricos’ (FELDMAN-BIANCO; LEITE, 1998, p.12) (KUSCHNIR, 2014, p.26, destaque meu).

Dito isso, desenhando e fotografar serve tanto para iniciar quanto para continuar relações sociais em campo. Servem para “quebrar o gelo”, “fazer algo”. E mais, tem muito a ver com o que relatou Els Lagrou em uma das aulas do curso “Laboratório de Antropologia e Desenho” sobre sua maneira de trabalhar junto aos Kaxinawa: “fazer algo é um meio de descobrir certas lógicas que você não conseguiria se só observasse” (in: KUSCHNIR, 2014, p.40).

²⁷ Cf. Teixeira (2020, p.127-140).

Assim, crendo que os desenhos e imagens são ferramentas com as quais se pode fazer etnografia, a dissertação foi composta por desenhos meus e dos outros, bem como imagens-textos que procuram melhor representar para os/as leitores/as as experiências vividas por mim e meus interlocutores. Do preâmbulo às considerações finais, fiz a escolha de escrever com palavras, desenhos, imagens, mapas, grafismos, quadrinhos e croquis. Espero dar continuidade a esse processo nas pesquisas que se seguirão.

Referências Bibliográficas

BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. **Balinese Character: A Photographic Analysis**. Nova York: The New York Academy of Sciences, 1942.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. “Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social”. **Ilha, Revista de Antropologia**, 2006, p.185-229.

BOURDIEU, Pierre – “Compreender”. In **A Miséria do Mundo**. Obra coletiva sob a direção de Pierre Bourdieu. Editora Vozes: Petrópolis, 2008, p. 693-732.

CALAVIA SÁEZ, Oscar. “Citações”; “O projeto de tese”. In: _____. **Esse obscuro objeto da pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em antropologia**. Florianópolis: Edição do autor, 2013, p. 100 - 105; 115 - 131.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia (USP)**, vol. 39, no 1, São Paulo, 1996, p.13-37.

COMERFORD, John Cunha. **Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 1999, p.11-18; p.46-77.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter *anthropological blues*. **Boletim do Museu Nacional: Antropologia**, n. 27, p.1-12, maio de 1978.

GAMA, Pedro Ferraz; KUSCHNIR, Karina. Contribuições do desenho para a pesquisa antropológica. **Revista do CFCH**, edição especial JIC 2013, p.1-15, ago. 2014.

GEERTZ, Clifford. **O saber local** novos ensaios em antropologia interpretativa: trad. Vera Joscelyne. A4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

INGOLD, Tim. “Andando na prancha: meditações sobre um processo de habilidade”; “Desenho fazendo a escrita”; “Sete variações sobre a letra A”; “Andando na prancha: meditações sobre um processo de habilidade”. In: _____. **Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p.95-113; 259-262; 263-282; 315-324.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v.5, n.2, p.5-13, 2016.

KUSCHNIR, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar uma experiência didática e de pesquisa. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v.3, n.2, p.23-46, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.) **Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996. Disponível em: http://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/qnd_o_campo_cidade.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MEO, Izabel Marques. **A Facilitação Gráfica no Brasil e seu uso em projetos gráficos editoriais**. 2014. 124f. Trabalho de Conclusão de Curso (pós graduação em Design Editorial) - Senac – Unidade Lapa Scipião, São Paulo.

OLIVEIRA, Leandro M. de. “O que pode a imagem”. In: _____. **“Ô virgem do Rosário, nós viemo te busca”**: o ciclo ritual do congo na festa da santa em Airões. 2017. 124f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2017, p.20-32.

PIETTE, Albert. **Ethnographie de l'action** - L'observation des détails, Paris: Mataillié, 1996.

PIETTE, Albert. **Le mode mineur de la réalité** - Paradoxes et photographies en anthropologie, Leuven: Peeters. 1992.

ROAM, Dan. **Desenhando negócios**: como desenvolver ideias com o pensamento visual e vencer nos negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 107-117, jul./set. 1995.

SAMAINS, Etienne. No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, 6(1): 141-148, 1998.

SCHEINBERGER, Félix. “Prefácio: para que serve um sketchbook. In: _____. **Sketchbook sem limites**. O companheiro de viagem do urban sketcher. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017, p.6-17.

SIBBET, David. **Reuniões visuais**: como gráficos, lembretes autoadesivos, e mapeamento de ideias podem transformar a produtividade de um grupo: trad. Visual Meetings. Rio de Janeiro: Alta Books, 2013.

TAUSSIG, Michael. **O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul**. São Paulo: Editora da Unesp, 2010, p. 11-15.

TEIXEIRA, R. S. *et al.* Cursinho popular Tecendo Sonhos: Agroecologia para a emancipação social, emancipação social para a Agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 11, n. 1, Jun. 2016.

TEIXEIRA, Ramon da Silva, RABELO, Lívia. **Um espaço de sociabilidade:** A Casa do Mobon, ponto de chegada e de partida. In: In: SILVA, Denilson Mariano da. (org.). **Fermento, sal e luz:** leigos em “saída missionária”. Belo horizonte: Editora O Lutador, 2019.

TEIXEIRA, Ramon da Silva. **Como a rama da abóbora:** o Movimento da Boa Nova, o “trabalho de base” e (re)invenções de saberes-fazer. 2020. 213 f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2020.

TEIXEIRA, Ramon da Silva. **Sindicalismo em Espera Feliz/MG:** história, reuniões e eixos-articuladores de sua prática política. Monografia (bacharelado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2017.

TEIXEIRA, Ramon da Silva; LOPES, Leandro de Souza. Tecendo sonhos – cursinho pré-nem de educação popular do campo em Espera Feliz: agroecologia, acesso, permanência na universidade e emancipação social. **Cadernos CIMEAC**, v. 3, n. 2, p.83-93, 2013.

TEIXEIRA, Ramon da Silva; RABELO, Lívia. Observando coisas, desvelando políticas de conhecimento: a edificação da identidade militante católica de agentes da cultura das CEBs. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 620-636, jul./dez. 2018.

TROUILLOT, Michel-Rolph. “O poder na estória”. In: _____. **Silenciando o passado:** poder e a produção da história. Campinas: Huya Editorial. 2016, p. 19-62.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In: NUNES, Edson de Oliveira (organizador). **A aventura sociológica:** objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 36-46.

WAGNER, R. **A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac & Naif, 2010, p.27-72.